



Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico-conceituais

Sustainability and community tourism: theoretical and conceptual aspects

Sostenibilidad y turismo comunitario: aspectos teóricos y conceptuales

Luciana Luisa Chaves Castro <llccturismo@yahoo.com.br >

Professora Mestre em Cultura e Turismo com área de concentração em Poder, Políticas Públicas Locais e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil.

Roque Pinto <roquepintosantos@gmail.com >

Doutor em Antropologia pela Universidad de La Laguna (Tenerife, Espanha). Professor de Antropologia na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 03-ago-2012

Aceite: 11-jun-2013

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

CASTRO, L. L.C.; PINTO, R. Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico-conceituais. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2., p.213-226, ago. 2013.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: Pretende-se neste artigo enunciar e discutir alguns dos principais aspectos teórico-conceituais relativos ao turismo de base comunitária (TBC) presentes na literatura especializada. Trata-se de uma investigação de carácter bibliográfico que buscou estudar o turismo comunitário a partir de quadros conceituais, seccionados em dimensões específicas que por sua vez são vinculadas à temática da sustentabilidade nos âmbitos económico, social, cultural e ambiental. De acordo com esta investigação, o conjunto de variações conceituais sobre o turismo comunitário e sua correlação com as noções de sustentabilidade apontam para um descompasso entre o campo discursivo e o campo empírico, levando-se à necessidade de entender a atividade turística como um subsistema inscrito numa ambiência mais ampla cujos atores sociais estão constantemente interagindo num campo fluido de relações políticas, económicas, ecológicas e sócio-simbólicas.

Palavras-chave: Turismo comunitário; Desenvolvimento sustentável; Sustentabilidade.

Abstract: In this an article intends to spell out and discuss some of the key theoretical and conceptual aspects related to community-based tourism (TBC) in the specific literature. It is an bibliographical investigation that quest study the community tourism from conceptual frameworks, sectioned into specific dimensions which in turn are linked to the issue of sustainability in the economic, social, cultural and environmental. According to this research, the set of conceptual variations on community tourism and its correlation with the notions of sustainability point for a gap between the discursive field and empirical field, leading to the need to understand tourism as a subsystem of a largest area where social actors interact constantly in a fluid field of political, economic, ecological and socio-symbolic.

Keywords: Community tourism; Sustainable development; Sustainability.

Resumen: En este un artículo se propone exponer y discutir algunos de los aspectos teóricos y conceptuales claves presentes en la literatura específica relacionados con el turismo de base comunitaria (TBC). Se trata de una investigación bibliográfica que busca estudiar el turismo comunitario de los marcos conceptuales, seccionado en dimensiones específicas que a su vez están relacionados con el tema de la sostenibilidad en los ámbitos económico, social, cultural y ambiental. De acuerdo a esta investigación, el conjunto de las variaciones conceptuales sobre el turismo comunitario y su correlación con las nociones de sostenibilidad señalan para un gap entre el campo discursivo y el campo empírico, conllevando a la necesidad de entender el turismo como un subsistema de un ámbito más grande donde los actores sociales interactúan constantemente en un campo fluido de relaciones políticas, económicas, ecológicas y socio-simbólicas.

Palavras clave: Turismo comunitario; Desarrollo sostenible; Sostenibilidad.

Introdução

O turismo comunitário ou turismo de base comunitária (TBC) apresenta uma perspectiva de incorporação de atitudes mais responsáveis no turismo em relação às suas modalidades massivas, valorizando as práticas voltadas para a economia solidária, a autogestão da cadeia produtiva, o associativismo/cooperativismo e a valorização das culturas locais, enfatizando o protagonismo das comunidades locais (BRASIL, 2008a).

Assim, o TBC pode ser entendido como uma rede social que integra um conjunto de práticas originadas e incorporadas pela comunidade receptora, considerando a participação coletiva orientada para o benefício comum como o principal dispositivo de tomadas de decisões.

Contudo, seu entendimento teórico não é consensual, abarcando nuances conceituais que, muitas vezes, afetam o próprio desenho da atividade em nível empírico, na medida em que serve de elemento norteador para políticas e práticas marcadas como comunitárias.

Nesse sentido, a partir de uma abordagem humanista, que pretenda compreender a atividade turística em suas múltiplas dimensões, e não apenas a sua faceta mercadológica, propõe-se aqui delinear alguns dos mais representativos conceitos de turismo comunitário, entendendo que a convergência entre a teoria e a prática favorecem a construção de critérios mais claros e objetivos, contribuindo de algum modo para a otimização de ações e práticas relativas ao tema (BURNS, 2002; MATHIESON; WALL, 1990 ; PINTO; PEREIRO, 2010; PINTO, 2011).

Desenvolvimento sustentável e turismo comunitário

Com o reconhecimento de governos, entidades preservacionistas e sociedade civil organizada de que, além de incrementos financeiros, a atividade turística também leva ao destino um conjunto de problemas de ordens social, cultural, econômica e ambiental, ao longo das últimas décadas muitos países firmaram uma série de protocolos com o intuito de minimizar seus efeitos negativos, estabelecer uma correlação de força menos desigual entre o multi-setor turístico e os agentes envolvidos nele e no seu entorno (político, econômico, sociocultural e ecológico), e pensar formas de tornar o turismo uma atividade sustentável, conforme apontam as declarações de Otavalo e de San José (SANTANA TALAVERA, 1990, 2009; JAFARI, 2001; OIT 2001, 2003; BOISSEVAIN, 2007; BARRETTO, 2009).

Contudo, como indica Pereiro Pérez (2009), o turismo sustentável é, na maioria dos casos, uma designação retórica, posto que a atividade turística “sustentável” muitas vezes ocorre de forma ecologicamente predatória e culturalmente desrespeitosa, de modo que a viabilidade de um turismo de fato sustentável vai muito além de meros dispositivos protocolares ou normativos.

Desse modo, dado que a comunidade receptora não perderia o controle sobre a atividade turística, o turismo de base comunitária é encarado como uma alternativa positiva e potencialmente sustentável de desenvolvimento econômico de pequenas comunidades autóctones (pescadores, agricultores familiares e extrativistas) na medida em que proporcionaria a manutenção das práticas cotidianas locais e a multifuncionalidade dos espaços tradicionais (SANSOLO; BURSZTYN, 2009).

Assim, o turismo comunitário apresenta-se como um arranjo produtivo mais favorável à prática e ao desenvolvimento de empreendimentos solidários, mediante a relevância dada ao capital social

que potencializa a gestão participativa de projetos sustentáveis agregando às atividades produtivas o valor do cotidiano tradicional das comunidades com os seus fazeres e saberes, complementando as práticas tradicionais locais, considerando a participação como um dos principais meios de tomadas de decisões coletivas e possibilitando benefícios de forma conjunta (PUTNAM, 2007; CORIOLANO, 2009).

Contraopondo-se as tendências de geração de conflitos e de defesa de interesses individuais, o turismo comunitário é abordado como uma forma mais flexível e facilitada de envolvimento da comunidade devido à manifestação coletiva de sentidos identitários e de empoderamento local favorecendo assim, a conservação ambiental, a salvaguarda do patrimônio e a manutenção das peculiaridades de cada localidade no desenvolvimento do turismo.

E nesse sentido o empoderamento na perspectiva de Lima (2011) deve estar atrelado ao exercício da liberdade sem perder de vista os seus limites de fragilidade na forma de organização da comunidade, e a circunstancialidade do exercício do poder relacionada à capacidade de se distinguir os aspectos políticos institucionais que poderão fortalecer ou não o seu potencial.

Portanto o empoderamento deve ser viabilizado através de um ambiente que promova a informação e qualificação dos indivíduos em sujeitos, consentindo o desenvolvimento dos mesmos através do exercício da liberdade, podendo assim, a comunidade influenciar a cultura institucional e política da sociedade para o sentido de se mobilizar em busca de mudanças e condições satisfatórias e incluídas.

Pode-se observar, portanto, que o turismo comunitário pode estimular a participação local na relevância dada à gestão participativa e uso do poder local para desenvolvimento do turismo, no sentido da valorização do poder local, segundo uma transformação lenta e intensa, tendo como eixo central a participação política dos sujeitos envolvidos no processo, portanto seu empoderamento mediante uma governança inclusiva e potencialmente autogestionária (DOWBOR, 1998; HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007; BRASIL, 2008b; CRUZ, 2009; IRVING, 2009).

O entendimento que se tem do turismo comunitário não é de classificá-lo como mais um tipo de turismo, mas sim de considerá-lo como um modo de desenvolver a atividade turística segundo os parâmetros – econômicos, ecológicos e culturais – locais, respeitando-se a lógica das particularidades sociais do lugar. Mais propriamente, trata-se de um modelo de gestão da atividade turística cujas decisões estratégicas e práticas cotidianas subordinam-se aos interesses da população local diretamente afetada pelo turismo. Nesse sentido é importante avaliar algumas bases conceituais e teóricas relativas ao turismo comunitário.

Quadros conceituais do turismo comunitário

Ao se pesquisar sobre o turismo comunitário observa-se a transversalidade do tema, que compõem conhecimentos de diversos campos de estudo como antropológico, econômico, ecológico, social, entre outros. Através de uma seleção de conceitos sobre turismo comunitário foi possível analisá-los e enquadrá-los sob o ponto de vista de variadas dimensões implicando assim num estudo mais sistemático e interdisciplinar.

As dimensões aqui consideradas – econômica, social, cultural e ambiental – são interligadas entre si e exercem influência mutuamente, conforme Maldonado (2005). Tais dimensões buscam estabelecer características discursivas e permitir um direcionamento e o que pode ser considerado

pertinente dentro de cada dimensão sobre o turismo comunitário. Para cada conceito de turismo comunitário são observados aspectos relevantes relacionados à sustentabilidade.

Deste modo, foram elaborados quadros conceituais relativos ao turismo comunitário, de acordo com várias dimensões de práticas sustentáveis de turismo, servindo assim como parâmetro na elaboração de diretrizes para o desenvolvimento sustentável do turismo.

A seguir, a descrição de cada dimensão e o respectivo quadro conceitual relativo ao turismo comunitário, tendo-se em conta que aqui se trata de abordagens, perspectivas ou proposições no campo teórico que, como ressaltam vários autores, não refletem necessariamente o que se verifica no campo empírico (PEREIRO PÉREZ, 2009).

- a. *Dimensão econômica*: considera a autogestão econômica comunitária do destino turístico; a prática do associativismo e cooperativismo nas atividades econômicas em torno do turismo; a distribuição equitativa de benefícios econômicos; as ações que promovam o respeito e manutenção de atividades produtivas tradicionais locais; as oportunidades de acesso e participação na cadeia produtiva do turismo através de fundos de investimentos e linhas de financiamento a iniciativas empreendedoras da comunidade; as práticas de economia solidária; a formação de arranjos produtivos manifestados;

Quadro 1. Quadro conceitual do turismo comunitário – dimensão econômica.

DIMENSÃO	CONCEITO E REFERÊNCIAS	CATEGORIAS
ECONÔMICA	Por turismo comunitário entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos (MALDONADO, 2009, p 31).	<ul style="list-style-type: none"> • Autogestão; • Cooperativismo; • Benefícios Coletivos; • Associativismo; • Desenvolvimento de Arranjos Produtivos; • Economia Solidária
	Turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo (CORIOLANO, 2009, p.282).	
	O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizada pelas comunidades locais [...] (BRASIL, 2008a)	

Fonte: Elaboração própria, 2012.

b. *Dimensão social*: analisa as práticas sociais que contribuem para a qualidade de vida; as relações interpessoais dos comunitários quanto os aspectos de cooperação até conflitos a quais estão sujeitos; a estrutura organizacional da comunidade em relação ao alcance de objetivos coletivos como serviços e recursos sociais; os sentimentos afetivos e potenciais em relação ao lugar; a consciência crítica e a capacidade de reconhecer o bem-estar ou não do lugar onde habita e trabalha; a representatividade da comunidade diante da participação em assuntos de interesse da comunidade como saúde, segurança pública, uso e manejo de recursos naturais, entre outros;

Quadro 2. Quadro conceitual do turismo comunitário – dimensão social.

DIMENSÃO	CONCEITO E REFERÊNCIAS	CATEGORIAS
SOCIAL	<p>No turismo comunitário os residentes [...] conseguem melhorar suas economias, as oportunidades para o lugar, e se preocupam com o envolvimento participativo, não de forma individualista; daí o avanço para as gestões integradas dos arranjos produtivos que passam a ser comunitários, e facilitam os enfrentamentos. Realizam, assim, projetos que garantem a melhoria das condições de vida local, além de prepararem condições para receber visitantes e turistas de uma forma mais digna. (CORIOLANO, 2009, p.283).</p> <p>Turismo comunitário, isto é, uma estratégia de comunicação social que possibilita que experiências de planejamento para o desenvolvimento de base comunitária em curso, na qual a população autóctone se torna a principal protagonista, resgatando ou conservando seus modos de vida que lhe são próprios, possam ser vivenciadas através da atividade turística [...]. (SAMPAIO, 2005, p.137).</p> <p>A importância do tema da participação social como um real diferencial em turismo de base comunitária, em termos de possibilidade de empoderamento, governança democrática e inclusão social (IRVING, 2009 p.114).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Protagonismo social; • Empoderamento; • Capital social; • Gestão participativa; • Fortalecimento da organização comunitária;

Fonte: Elaboração própria, 2012.

c. *Dimensão cultural*: avalia os meios como a comunidade dá continuidade às suas práticas culturais e tradicionais; a forma dos sujeitos sociais reconhecerem o lugar em que vivem considerando os fazeres e os saberes culturais; os mecanismos utilizados para a manutenção da identidade cultural local considerando a tomada de consciência da comunidade quanto à importância de sua própria cultura de modo a se respeitar os processos de salvaguarda dos valores culturais; as expressões culturais refletidas nos produtos turísticos ofertados; as maneiras e atitudes da comunidade ao difundirem suas expressões culturais aos visitantes;

Quadro 3. Quadro conceitual do turismo comunitário – dimensão cultural

DIMENSÃO	CONCEITO E REFERÊNCIAS	CATEGORIAS
CULTURAL	Reconhecimento do atendimento de princípios relativos à diversidade cultural que enriquecem as possibilidades de desenvolvimento humano a partir desse tipo de turismo (LIMA, 2011, p. 20).	<ul style="list-style-type: none"> • Reafirmação cultural; • Valorização cultural; • Interculturalidade; • Troca de experiências; • Sentimento de pertencimento;
	[...] associado a atividades que dizem respeito à sustentabilidade socioespacial, priorizando valores culturais e descobrindo formas inteligentes de participação na cadeia produtiva do turismo, com produtos diferenciados. E, sobretudo, com uma visão própria de lugar, de lazer e turismo. Um turismo que não seja apenas voltado ao consumo, mas à troca de experiências, fortalecimento de laços de amizade e valorização cultural (CORIOLANO, 2009, p. 282).	
	O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento (IRVING, 2009, p.111).	

Fonte: Elaboração própria, 2012.

d. *Dimensão ambiental*: analisa as práticas relacionadas ao turismo que interferem na sustentabilidade dos recursos naturais através do empoderamento comunitário quanto às iniciativas comunitárias para minimizar aspectos negativos da atividade turística no meio ambiente; o poder local para a mobilização de alternativas educativas para sensibilizar ambientalmente comunitários e visitantes; a relevância dos valores e princípios comunitários gerando movimentos cívicos quanto os usos sustentáveis de recursos naturais nas atividades produtivas, seja através da utilização de novas tecnologias ou mesmo por meios alternativos, porém sustentáveis, que não causem degradação no meio ambiente ou pelo menos com um mínimo de impacto possível;

Quadro 4. Quadro conceitual do turismo comunitário – dimensão ambiental.

DIMENSÃO	CONCEITO E REFERÊNCIAS	CATEGORIAS
AMBIENTAL	<p>Turismo comunitário é a atividade turística que apresenta gestão coletiva, transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza (PROJETO BAGAGEM, 2012).</p> <p>O turismo respeita as normas de conservação da região e procura gerar o menor impacto possível no meio ambiente, contribuindo com os projetos de manejo sustentável de recursos naturais, recuperação de áreas degradadas, utilização de energias renováveis, educação ambiental e destinação de resíduos sólidos. O turismo comunitário deve promover o uso sustentável dos recursos e justiça ambiental (REDE TURISOL, 2012).</p> <p>(...) garantir a sustentabilidade sócio-ambiental, a exemplo da atitude ética e solidária entre as populações locais e os visitantes (REDE TUCUM, 2012).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Minimização de impactos ambientais; • Fortalecimento de ações de conservação da natureza; • Respeito às normas de conservação; • Recuperação de áreas degradadas; • Manejo sustentável de recursos naturais; • Utilização de energias renováveis.

Fonte: Elaboração própria, 2012.

O ordenamento das dimensões econômica, social, cultural e ambiental em quadros conceituais serve, aqui, como eixo norteador para a discussão sobre as diretrizes de sustentabilidade no turismo comunitário, o que permitirá confrontar, inclusive, o campo do discurso com o terreno onde efetivamente se dão as diversas relações dentro de um amplo conjunto de atores sociais.

Diretrizes relativas à sustentabilidade e turismo comunitário: glosando a literatura especializada

Não resta dúvida sobre a necessidade de uma profunda reflexão sobre novas formas de desenvolvimento sustentável do turismo dentro de uma dimensão global, sobretudo pensando-se à luz das singularidades locais em que a atividade turística será, efetivamente, exercida, mantendo-se no horizonte a sustentabilidade ligada ao de bem-estar e qualidade de vida das comunidades locais (DIEGUES, 2003; PAULISTA, 2008; PINTO; PEREIRO, 2010).

Para além da circularidade do tema, muitas vezes eivada de um truísmo que parece não avançar, é importante fazer o exercício de recapitular e reordenar as principais linhas de pensamento que marcaram e marcam o debate, inclusive para submetê-las ao escrutínio do terreno, observando-se

o gap entre o que se escreve e prescreve o que de fato ocorre no campo empírico (De KADT, 2001; BARRETTO, 2009; PINTO, 2012a).

Em que pese a diversidade conceitual e analítica sobre os temas da sustentabilidade, do turismo comunitário e da respectiva interseção entre a primeira e o segundo, o debate é marcado por alguns pontos-chave, que podem ser seccionados nas dimensões acima assinaladas, tendo como eixo central a necessidade de se promover a inserção das comunidades locais no processo de desenvolvimento turístico ao mesmo tempo em que sejam articulados mecanismos que contribuam para a organização, reflexão e legitimação das práticas sustentáveis.

Dimensão econômica

- a) O desenvolvimento sustentável da atividade turística de base comunitária está na capacidade de apoiar empreendimentos turísticos da comunidade implicando no incentivo a economia solidária onde os indivíduos tenham oportunidade de autogerir seus negócios e ao mesmo tempo compartilhar experiências em uma rede cooperada;
- b) Estabelecimento de formas de associação e cooperação na cadeia produtiva do turismo que reflita resultados mais equitativos quanto à distribuição dos recursos financeiros ampliando a capacidade de inserção social e econômica no desenvolvimento do turismo, de maneira a se estimular a implementação e gestão de negócios em turismo, mediante a fomentação de uma economia criativa que coloca o capital intelectual e o conhecimento como gerador de trabalho e renda, assim como também, a inovação dos produtos e serviços;
- c) A viabilidade de projetos de caráter social que agreguem respeito e manutenção às atividades produtivas tradicionais favorecendo sua autonomia em relação ao desenvolvimento do turismo na localidade produzindo transformações necessárias e aspiradas pelos sujeitos em relação ao contexto social vivenciado na comunidade. Considerando ainda, que essas mesmas atividades possam se tornar diferenciais na prática de turismo valendo ainda, da implementação de ações que possibilitem a potencialização de seus produtos e autossustentação financeira de seus negócios;
- d) A necessidade de se fortalecer arranjos produtivos locais em destinos turísticos esta na capacidade de se cultivar práticas de economia solidária criando um sistema de trocas de conhecimentos onde sejam imbuídos valores culturais, práticas de sociabilidade e de respeito mútuo;
- e) A perspectiva de geração de trabalho no turismo deriva de ações significativas investidas na comunidade para se elevar o grau de instrução, o nível de educação e a qualificação profissional. Do mesmo modo que se devem subsidiar mecanismos que qualifiquem iniciativas e empreendimentos comunitários canalizando a expansão econômica e socialização benefícios através do turismo.

Dimensão social

- a) As práticas sociais devem contribuir para a qualidade de vida das populações locais na medida em que objetivam causar alterações sociais benéficas ao conjunto da população e desenvolvem meios potencializadores da capacidade de criar alternativas favoráveis para os indivíduos. A consciência crítica e a capacidade de reconhecer o bem estar ou não do lugar onde habita e trabalha considerando uma análise da situação de moradia, educação, assistência à saúde, entre outros, assim como, bem estar físico, mental e espiritual;

- b) As relações sociais entre os comunitários e entre estes e os visitantes devem promover a cooperação, com os quais os sujeitos manifestam interesses e necessidades coletivas definindo o modo de convivência e as relações entre os sujeitos. O fortalecimento das relações interpessoais viabiliza as relações organizacionais que serão estabelecidas a partir da construção de arenas públicas, lugares estes onde são discutidos assuntos de interesse coletivo e deliberados de maneira consensual respeitando as adversidades dos aspectos envolvidos.
- c) A representatividade da comunidade na gestão participativa do desenvolvimento do turismo seja através de conselhos de turismo, instâncias de governanças, criação de fóruns de desenvolvimento local, entre outras iniciativas, que possam implicar na forma do sujeito de se colocar diante dos fatos e acontecimentos que envolvem a atividade, e tornando-o sensível para aspectos negativos que possam interferir nos modos de vida da comunidade, assim como se sentindo parte da estrutura organizacional da comunidade e percebendo a relevância que tem as suas iniciativas para alcance de objetivos coletivos;
- d) O sentido do empoderamento está na transferência de poder antes monopolizado por sujeitos, grupos ou organizações exógenas ou não. A importância do empoderamento na comunidade do destino turístico está no exercício do poder colocando a favor dos interesses coletivos e provocando transformações que impliquem em situações favoráveis a inserção dos mesmos no desenvolvimento do turismo. Do mesmo modo que o protagonismo sendo exercido pelos comunitários pode viabilizar ações que sirvam de mecanismos para mobilizações, acreditando que a partir da articulação e integração dos sujeitos através de conselhos, fóruns, entre outros, poderão criar um canal eficiente para sensibilizar e envolver toda a comunidade diretamente e indiretamente no sistema do turismo local;
- e) Com a eminência da ampliação do capital social, devem-se agregar conhecimentos e novas atitudes quanto ao processo de inserção no turismo levando aos indivíduos a reconhecerem suas potencialidades e do grupo que pertencem, viabilizando desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas com igualdade de oportunidades na cadeia produtiva do turismo.

Dimensão cultural

- a) Motivar e incentivar a participação da comunidade na gestão da atividade turística tem suas relações com os sentimentos de pertencimento em relação ao lugar considerando a incorporação de elementos identitários na dinâmica e exercício da atividade em que os indivíduos agregam valor ao cotidiano tradicional, aos fazeres e saberes culturais;
- b) O turismo está associado ao poder de atratividade que características do lugar exercem sob o turista, sendo a cultura local um dos fatores importantes neste processo. Portanto, os aspectos culturais agregados à atividade turística (ritos, artesanato, culinária, etc.) tendem a ser reforçados ou reavivados pela perspectiva do estímulo de uma maior valorização tanto no contexto local quanto extralocal.
- c) A comunidade deve estabelecer critérios e limites quanto à compatibilidade da atividade turística com a manutenção da cultura e do estilo de vida locais, estimulando práticas que elevem o sentimento de pertencimento do lugar, valorização de sua cultura e fortalecimento da identidade;

- d) A comunidade local deve utilizar mecanismos de salvaguarda dos elementos culturais locais considerando suas expressões/tradições refletidas nos produtos e serviços ofertados na atividade turística;
- e) A difusão das produções culturais de uma localidade sugere a resignificação dos seus espaços e fazendo com que os residentes se sintam mais motivados a valorizar sua cultura local levando assim, a uma maior sociabilidade e fruição cultural, e nesse sentido podendo alcançar os turistas através de uma oferta de lazer mais agregada de valor através das práticas culturais vivenciadas e trocas de experiências.

Dimensão ambiental

- a) A opção por energias renováveis e uso sustentável dos recursos naturais são pontos de relevância no desenvolvimento sustentável do turismo, podendo ser viabilizados através de atitudes ambientalmente mais responsáveis, através da própria comunidade, dos empreendimentos turísticos e do setor público. Os indivíduos devem ser capacitados para o desenvolvimento de técnicas e métodos que viabilizem práticas simples, objetivas e concretas a serem incutidas nos modos de vida da localidade e nas atividades produtivas;
- b) A qualidade ambiental considerando a agregação de elementos físicos, biológicos, químicos, sociais, políticos, econômicos e culturais que viabilizem o desenvolvimento da vida de maneira favorável a todos os comunitários nos destinos turísticos, e ao mesmo tempo, possibilitando que os aspectos naturais, sejam elementos de atratividade para o turista implicando em um ciclo de causas e efeitos no sistema dinâmico do turismo. Sendo assim, a comunidade deve ser sensibilizada e reconhecer o valor que o meio ambiente exerce sobre o bem estar da localidade e nos sentido de um âmbito mais global, considerando efeitos positivos e negativos dos ciclos. Em paralelo, se devem reproduzir atitudes sustentáveis que possam conscientizar o turista durante sua viagem. Sugere-se a produção e a comercialização de produtos e serviços que considerem práticas e usos sustentáveis, e conseqüentemente a exigência por parte do turista considerando esses padrões;
- c) Através da promoção de parcerias entre a sociedade civil, instituições públicas e privadas deve-se objetivar iniciativas e práticas de manutenção sustentável dos recursos naturais implicando na responsabilidade de implementação de alternativas de educação e exercício ambiental considerando que cada parte envolvida deve ter suas responsabilidades formalizadas e possam assim cumprir seus compromissos;
- d) Pensar a sustentabilidade sob a perspectiva de diferentes tipos de comunidades seja ela quilombola, indígena, pesqueira entre outras, implica em discutir alternativas para desenvolver sustentavelmente as atividades produtivas da localidade sendo ela tradicional ou não, como também possibilitar proximidades de conhecimentos e culturas em relação à sustentabilidade no uso prático de ações no cotidiano das comunidades tendo em vista barreiras culturais e conflitos já existentes;
- e) A tentativa de se encontrar novas formas de vinculação entre o meio ambiente e os indivíduos favorecendo o entendimento de que os recursos naturais constituem um patrimônio de todos, estimulando um tipo de consumo mais racional e responsável, e o uso dos recursos naturais de maneira mais humanizada;

Considerações finais

O desenvolvimento sustentável do turismo não se refere a mais um rótulo de segmentação do mercado, muitas vezes utilizado para promover um destino e obter ganhos financeiros imediatos. Deve, sim, ser entendido como uma prática a ser incutida no dinâmico e complexo sistema turístico em todas as suas fases, considerando-se as características específicas de cada localidade, do planejamento à prática cotidiana (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2010).

Contudo, não se pode manter uma atitude ingênua de assumir as proposições teórico-conceituais como realidades em si, desconsiderando todo o complexo jogo que envolve o exercício contínuo do poder político e econômico em diversas instâncias, numa pressão constante pelo monopólio dos benefícios advindos da atividade turística. E mesmo pela imposição de modelos mais gerais que vão de encontro aos padrões culturais locais e às especificidades econômico-ecológicas que regulam as dinâmicas sociais (HERNÁNDEZ RAMÍREZ, 2006; BOISSEVAIN, 2007; PINTO, 2012a).

É preciso, pois, visualizar o turismo a partir de uma perspectiva sistêmica, holística e processual, entendendo-o como um subsistema inscrito numa ambiência mais ampla, multidimensional e complexa, cujos atores sociais estão constantemente interagindo num campo fluido onde as relações que definem a política, a economia, as hierarquias identitárias e até mesmo os mecanismos mais basilares de sobrevivência passam muitas vezes por centros decisórios muito distantes geograficamente daqueles locais que são afetados por elas (APPADURAI, 1995; SMITH; BRENT, 2001; SANTANA TALAVERA, 2009; PINTO, 2012b).

Assim, o turismo tem criado, dentro de uma perspectiva comunitária, expectativas de mudanças de contextos adversos provocados em muitos casos pelo turismo massivo. Desse modo, o turismo comunitário seria um modelo de gestão mais adequado aos parâmetros de sustentabilidade local, agregando à dinâmica social do destino a importância do sujeito como catalisador e transformador da sua própria realidade.

Vale atentar para o conjunto de variações conceituais sobre o turismo comunitário – aqui arroladas – que contribuíram para a construção de diretrizes de sustentabilidade mais gerais, a partir de matizes nos âmbitos econômico, social, cultural e ambiental. Tais definições são relevantes na medida em que vão nortear o encadeamento de atividades práticas para a implantação do turismo de base comunitária, reconhecendo-se que, no plano empírico, ainda se faz necessário muitos avanços no sentido de agregar ações realmente planejadas, integradas e efetivas nos contextos locais, assim como o amparo de instrumentos balizadores que proporcionem um melhor desempenho dos destinos turísticos com a minimização dos seus virtuais efeitos negativos e o empoderamento efetivo das populações locais que são integradas à atividade turística.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. The Production of Locality. In: Fardon, R., (Ed) Counterworks. Routledge: London, 1995, p. 204-225.

BARRETTO, M. Turismo y Cultura. Relaciones, Contradicciones y Expectativas. El Sauzal: Pasos, 2009. Disponível em: < <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita1.pdf> >. Acesso em: 16 abril de 2012.

BOISSEVAIN, J. Confrontando la Industria Turística en Malta. In: LAGUNAS, D. (Org.). *Antropología y Turismo. Claves Culturales y Disciplinarias*. México D. C.: Plaza y Valdés, 2007. p. 73-90.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Ecoturismo: Orientações Básicas*. Brasília, 2008a.

BRASIL. Chamada Pública MTUR nº 001/2008 – Apoio às iniciativas de turismo de base comunitária. Brasília, 2008b.

BURNS, P. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, 2002.

COOPER, C. et al. *Turismo: princípios e práticas*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

CORIOLOANO, L. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CRUZ, R. de C. A. da. Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para ensar a realidade brasileira. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

De KADT, E. (Ed.). *Turismo: ¿Pasaporte al Desarrollo?*. Madrid: Endymion, 2001.

DIEGUES, A. C. *Sociedades e Comunidades Sustentáveis*. São Paulo: USP/NUPAUB, 2003.

DOWBOR, L. *A Reprodução Social*. Petrópolis, Vozes, 1998.

HERNÁNDEZ RAMÍREZ, J., 2006, Producción de Singularidades y Mercado Global. *El Estudio Antropológico del Turismo*, Boletín Antropológico, a. 24, n. 66, pp. 21-50.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. *Anais... Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais*; 2007.

IRVING, M. de A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) *Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2009.

JAFARI, J. The Scientification of Tourism. In: SMITH, V. and BRENT, M. (Orgs.) *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21st Century*. New York: Cognizant Communication, 2001. p. 28-41.

LIMA, R. *Turismo de Base Comunitária como Inovação Social*. Rio de Janeiro. 2011. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MALDONADO, C. Pautas metodológicas para análise de experiências de turismo comunitário. Genebra, Suíça: Organização Internacional do Trabalho. 2005. Disponível em: <http://www.empoderamiento.info/biblioteca/ECOBONA_0267.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2012.

_____. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) *Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2009.

MATHIESON, A.; WALL, G. *Turismo: Repercusiones económicas, físicas y sociales*. México: Trillas, 1990.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL TURISMO - OIT. Declaração de Otalavo. Otalavo, Equador: Organização Internacional de Turismo, 2001. Disponível em: <<http://www.redturs.org/inicio/docu/Otalavo.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2011.

_____. Declaração de San José. San José, Costa Rica: Organização Internacional de do Turismo, 2003. Disponível em: <http://www.redturs.org/inicio/docu/DeclaracionSan-Jose-Espa.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2011.

PAULISTA, G. et al. Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade. *Campinas, Ambiente & Sociedade*, v.11, n.1, p.185-200, 2008.

PEREIRO PÉREZ, X. Turismo cultural: uma visão antropológica. *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. IV. Colección PASOS edita, nº 2. Serie El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. Disponível em: <www.pasosonline.org>. Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

PINTO, R. Patrones actitudinales de los gestores del turismo en Ilhéus (Brasil). *La Laguna: Universidad de La Laguna*, 2011.

PINTO, R. O Turismo e Suas Fronteiras Culturais. *Turis Nostrum*, v. 1, p. 1-22, 2012a.

PINTO, R. Tourism, trade and cocoa: politics and tourist space in Ilhéus, Brazil. In: Valença, M; Cravidão, F; Fernandes, J. (Org.). *Urban Developments in Brazil and Portugal*. New York: Nova Science Publishers, 2012b. p. 353-369.

PINTO, R. e PEREIRO, X. Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 1, 2010. p. 447-454.

PUTNAM, R. D. *Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2007.

PROJETO BAGAGEM. Disponível em: <http://www.projetobagagem.org/2009/turismo_comunitario.asp?cod=68>. Acesso em 25 de janeiro de 2012.

REDE TUCUM. Disponível em: <<http://sispub.oktiva.com.br/oktiva.net/2313/secao/18703>>. Acesso em: 25 janeiro de 2012.

REDE TURISOL. Disponível em: <<http://www.turisol.org.br/turismo-comunitario/principios/>>. Acesso em: 25 janeiro de 2012.

SAMPAIO, C. A. C. *Turismo como do fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SANTANA TALAVERA, A. Turismo, Empleo y Dependencia Económica. *Las Estrategias de las Unidades Domésticas en las Poblaciones Pesqueras (Gran Canaria)*. Eres, vol. 2, 1990. p. 25-38.

_____. *Antropologia do Turismo: Analogias, Encontros e Relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTANA TALAVERA, A.; PINTO, R. Bordes y límites del modelo de Ciclo de Vida del producto turístico. Reflexiones desde el terreno de investigación. *Aportes y Transferencias / Tiempo Libre: Turismo y Recreación*, v. 1, p. 119-135, 2010.

SHARPLEY, R. y TELFER, D. J. (Eds.). *Tourism and development: Concepts and issues*. Clevedon: Chanel View Publications, 2002.

SIMONICCA, A. Conflicto(s) e Interpretación: Problemas de la Antropología del Turismo en las Sociedades Complejas. In: LAGUNAS, D. (Coord.). *Antropología y Turismo. Claves Culturales y Disciplinarias*. México, D. C.: Plaza y Valdés, 2007. p. 27-46.

SMITH, V. & BRENT, M. (Orgs). *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21st Century*. New York: Cognizant Communication, 2001.